

# Estado e Sociedade frente às Questões Sociais

Luciana Pavowski Franco Silvestre  
(Organizadora)



# Estado e Sociedade frente às Questões Sociais

Luciana Pavowski Franco Silvestre  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### Conselho Editorial

#### Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E79	Estado e sociedade frente às questões sociais [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-801-4 DOI 10.22533/at.ed.014192111  1. Brasil – Política social. 2. Estado e sociedade. 3. Serviço social. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.  CDD 361.61
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O e-book "Estado e sociedade frente às questões sociais" apresenta 23 artigos que tratam de temáticas vinculadas às situações de vulnerabilidade e risco social, bem como, formas de organização e mobilização da sociedade frente a estas, que se expressam através da garantia de direitos, dos aspectos culturais e das políticas públicas implementadas pelo Estado.

Os artigos estão organizados em quatro seções, conforme segue: "**Cultura, percepções e construção de imagem**" com cinco artigos através dos quais são debatidos aspectos relacionais e de contexto que contribuem para formação da identidade e cultura em seu entorno. "**Estado e Políticas Públicas**" apresenta nove artigos que dialogam sobre os direitos estabelecidos e a materialização destes enquanto políticas públicas, pautando-se de forma concomitante os desafios postos diante das reformas ensejadas pelos preceitos neoliberais que incidem na fragilização da atuação estatal; Na seção "**O direito e os seus desdobramentos na sociedade contemporânea**" são apresentados seis pesquisas que congregam debates voltados para os direitos estabelecidos e inferências diante dos aspectos criminológicos, adolescência e a prática de atos infracionais, relações de trabalho, tecnologia e processos eleitorais. Por fim, a seção "**Categoria de análise e questões epistemológicas**" apresenta dois artigos que analisam a superpopulação relativa a partir da categoria marxiana e os problemas epistemológicos nas ciências humanas no Brasil.

As temáticas abordadas são bastante atuais e apresentam relação entre si. Contribuem para a divulgação de estudos e análises voltadas para os desafios postos nas relações da sociedade contemporânea.

Boa leitura a todos!

Luciana Pavowski Franco Silvestre

## SUMÁRIO

### CULTURA, PERCEPÇÕES E CONSTRUÇÃO DE IMAGEM

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CRIAÇÃO DE UMA <i>CITY IMAGE</i> DO RIO DE JANEIRO ATRAVÉS DA ECONOMIA CRIATIVA	
Alice dos Santos Braga	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0141921111</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
<i>HALLYU WAVE</i> : A CULTURA COMO MECANISMO DE SOFT-POWER SUL-COREANO	
Fernanda Vieira Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0141921112</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
PADRÕES DE BELEZA NA SOCIEDADE: EXPRESSÕES NO COTIDIANO ESCOLAR	
Rosilda Arruda Ferreira	
Djavan Thiago Santos Oiteiro	
Monique Santos da Silva	
Thaiane Almeida Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0141921113</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
“VIOLÊNCIA, DESORDEM E BEBEDEIRAS”: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO CLUBE FORRÓLÂNDIA NO MUNICÍPIO DE ORLÂNDIA-SP (2000-2010)	
Bruno César Pereira	
Vania Vaz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0141921114</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
PAI ALCOOLISTA: PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS DE UMA FILHA	
Elizabeth Filgueira da Costa	
Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa	
Kay Francis Leal Vieira	
Ivana Suely Paiva Bezerra Mello	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0141921115</b>	

### ESTADO E POLÍTICAS PÚBLICAS

<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
A ATUAÇÃO DO ESTADO, ENQUANTO GARANTIDOR DE DIREITOS, DIANTE DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE: AS ENCHENTES SAZONAIS DO MUNICÍPIO DE RIO BRANCO	
Régis Hartmann	
Carina Valesca Soares Lima	
Lanna Chely Bezerra Dias da Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0141921116</b>	

<b>CAPÍTULO 7 .....</b>	<b>76</b>
A REFORMA DO ENSINO MÉDIO NA PERSPECTIVA DO NEOLIBERALISMO E DA PROTEÇÃO SOCIAL: DA MEDIDA PROVISÓRIA Nº 746/17 À LEI Nº 13.415/17	
<a href="#">Marcos Felipe Rodrigues de Sousa</a> <a href="#">Alessandra Pereira Nunes</a> <a href="#">Raimunda Eliene Sousa Silva</a> <a href="#">Suziany de Oliveira Portéglio</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0141921117</b>	
<b>CAPÍTULO 8 .....</b>	<b>90</b>
COMO SE ARTICULAM NO ESPAÇO PÚBLICO INDICADORES FISCAIS E POLÍTICAS SOCIAIS? OS EFEITOS DA EMENDA CONSTITUCIONAL 95/2016 SOBRE O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE À LUZ DE UMA ABORDAGEM PÓS-ESTRUTURALISTA	
<a href="#">Bruno Moretti</a> <a href="#">Elton Bernardo Bandeira de Melo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0141921118</b>	
<b>CAPÍTULO 9 .....</b>	<b>102</b>
DESIGUALDADE SOCIAL E INSUFICIÊNCIA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO COMBATE À POBREZA	
<a href="#">Francisco Mesquita de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0141921119</b>	
<b>CAPÍTULO 10 .....</b>	<b>116</b>
O GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO ADOTA A AGENDA 2030 EM SUA ESTRATÉGIA PÚBLICA?	
<a href="#">Cândido de Souza Pereira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01419211110</b>	
<b>CAPÍTULO 11 .....</b>	<b>137</b>
POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL	
<a href="#">Adelcio Machado dos Santos</a> <a href="#">Jucielle Marta Baldissareli</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01419211111</b>	
<b>CAPÍTULO 12 .....</b>	<b>146</b>
DEVER DO ESTADO EM GARANTIR O ACESSO À INTERNET COMO PRESSUPOSTO DE EFETIVIDADE SOCIAL DA CIDADANIA DIGITAL	
<a href="#">Eid Badr</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01419211112</b>	
<b>CAPÍTULO 13 .....</b>	<b>159</b>
A CRISE NA VENEZUELA E O DIREITO DOS REFUGIADOS NO BRASIL	
<a href="#">Jonas Modesto de Abreu</a> <a href="#">Bruno Henrique Martins de Almeida</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01419211113</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>172</b>
MAIS DESENVOLVIMENTO, MAIOR TRANSPARÊNCIA? UMA ANÁLISE DO IMPACTO DO DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL NO SEU GRAU DE TRANSPARÊNCIA	
Pedro Severino do Nascimento Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01419211114</b>	
<b>O DIREITO E OS SEUS DESDOBRAMENTOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>187</b>
A POSSIBILIDADE DE EQUIPARAÇÃO SALARIAL DA ATIVIDADE-FIM DO TERCEIRIZADO COM O EMPREGADO CONTRATADO DIRETAMENTE PELA TOMADORA DE SERVIÇO	
Ticiania Poncio de Lima Felipe Oswaldo Guerreiro Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01419211115</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>206</b>
CRIMINOLOGIA FEMININA AFETIVA: ANÁLISE SOB A ÓTICA DO ABOLICIONISMO E MINIMALISMO PENAL	
Isael José Santana Julia Romano Barbosa Raul Dias Ferraz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01419211116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>218</b>
DELINQUÊNCIA FEMINIL: BREVES ASPECTOS HISTÓRICOS E CRIMINOLÓGICOS	
Ana Carolina Medeiros Costa Paula Isael José Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01419211117</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>231</b>
REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL: É POSSÍVEL PENSAR DIFERENTE	
Rosalice Lopes Giovanna Loubet Ávila	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01419211118</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>243</b>
O DIREITO À PRIVACIDADE EM FACE DA INTERAÇÃO CÉREBRO-MÁQUINA: A NECESSIDADE DE UMA ÉTICA DO ACESSO AO PENSAMENTO	
Lafaiete Luiz do Nascimento Diogo de Calasans Melo Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01419211119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>256</b>
COMPETIÇÃO ELEITORAL COMO INCENTIVO À CORRUPÇÃO: ANÁLISE DAS ELEIÇÕES 2014 PARA GOVERNADOR E OS CASOS PERCEBIDOS DE COMPRA DE VOTOS	
Pedro Henrique Ribeiro da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01419211120</b>	



## CATEGORIAS DE ANÁLISE E QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS

<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>270</b>
A ATUALIDADE DA CATEGORIA MARXIANA DA SUPERPOPULAÇÃO RELATIVA: TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS	
Ana Virgínia do Nascimento Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01419211121</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>282</b>
PROBLEMAS EPISTEMOLÓGICOS NAS TESES DE CIÊNCIAS HUMANAS NO BRASIL	
Rodrigo Dutra Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01419211122</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>291</b>
UM ESTUDO DE CASO DAS ASSOCIAÇÕES DE COLETORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE FLORIANÓPOLIS – SC	
Alessandra Knoll Sérgio Luís Boeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.014192111223</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>307</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>308</b>

## “VIOLÊNCIA, DESORDEM E BEBEDEIRAS”: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO CLUBE FORRÓLÂNDIA NO MUNICÍPIO DE ORLÂNDIA-SP (2000-2010)

**Bruno César Pereira**

Universidade Estadual do Centro-Oeste do  
Paraná  
Irati-PR

**Vania Vaz**

Universidade Estadual do Centro-Oeste do  
Paraná  
Irati-PR

**RESUMO:** A cidade de Orllândia-SP, desde o final do século XX, é marcada pela dualidade entre novos e antigos moradores, ou seja, entre a comunidade de migrantes nordestinos e grupo dos moradores locais (paulistas). Desde seu início a relação entre estes grupos foi norteado por uma série de disputas simbólicas no dia-a-dia, no contexto dos bairros e inclusive em ambientes de lazer e sociabilidade. O trabalho, se objetiva em analisar parte dos aspectos desta disputa simbólica entre estes grupos, a partir da análise de um dos principais clubes de lazer do município, o Forrólândia, entre os anos 2000-2010. Evidenciaremos que este espaço foi estigmatizado pelo grupo paulista, por meio de uma série de fofocas depreciativas, que visavam evitar que moradores locais o frequentassem. Todavia, nos anos finais da década de 2010, o público dos bailes de forró, que até então era apenas de nordestinos, passou a contar com um considerável número

paulistas. Para analisarmos estas questões, seja do processo de estigmatização, como de disputa pelo espaço, este trabalho se utilizará de uma série de entrevistas realizadas no ano de 2017, de moradores/as naturais do município e de migrantes, que participavam (ou não) dos bailes de forró realizados no clube. A partir de suas narrativas buscamos discutir como este espaço passou de ambiente estigmatizado a local de intensa disputa entre os grupos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociabilidades; violência; forró; nordestinos; paulistas.

### “VIOLENCE, DISORDER AND DRINKERS”: THE IMPLEMENTATION OF THE FORRÓLÂNDIA CLUB IMAGE IN ORLÂNDIA- SP (2000-2010)

**ABSTRACT:** The city of Orllândia-SP, since the end of the twentieth century, has been marked by duality between new and old residents, that is, between the northeastern migrant community and local residents (São Paulo). Since its beginning, the relationship between these groups has been guided by a series of symbolic daily disputes, in the context of neighborhoods and even in leisure and social environments. This paper aims to analyze part of the aspects of this symbolic dispute between these groups, based on the analysis of one of the main leisure clubs in the city, Forrólândia,

between 2000-2010. We will evidence that this space was stigmatized by the São Paulo group, through a series of derogatory gossip aimed at preventing local residents from attending it. However, in the final years of the 2010s, the public of the forró balls, which until then was only northeastern, now had a considerable number of people from São Paulo. In order to analyze these questions, either from the stigmatization process, or from the dispute for space, this work will use a series of interviews conducted in 2017, from residents of the municipality and migrants, who participated (or not) in the forró dances held at the club. From their narratives we seek to discuss how this space went from a stigmatized environment to a place of intense dispute between the groups.

**KEYWORDS:** Sociabilities; violence; lining; northeastern; Paulistas.

## INTRODUÇÃO

Ao longo do final do século XX, um grande número de homens, mulheres e famílias de variadas idades realizaram um grande movimento migratório do Nordeste ao Sudeste brasileiro, um dos principais destinos destes indivíduos foi a região de Ribeirão Preto-São Paulo, também denominada como a região do “mar de cana” – conhecida assim, pela grande quantidade de plantações de cana-de-açúcar – uma das principais cidades desta região a receber um grande montante de migrantes foi a cidade de Orlândia-SP.

Boa parte destas famílias migrantes, ao chegarem a esta região se vincularam a atividades que necessitavam de um número considerável de mão-de-obra; atividades como o corte da cana-de-açúcar, a construção civil e a extração da palha do milho, para a produção de cigarros artesanais.

Ao longo deste processo migratório (Nordeste-Sudeste), as famílias que têm como destino final a localidade interiorana de Orlândia-SP, se inseriram nas regiões periféricas desta localidade. Os principais motivos que levam estas famílias a terem como destino tais regiões, estiveram relacionados aos baixos preços de aluguéis, assim como pela negação por parte de moradores locais da cidade - que possuíam mais de uma residência em bairros centrais - em alugar residências para famílias nordestinas nestas áreas.

Deste modo, com este processo migratório a concentração de famílias nordestinas nas regiões periféricas aumentou consideravelmente entre o final da década de 1990 e início dos anos 2005, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre estes anos houve um crescimento populacional considerável (IBGE, 2005). A queda no número de migrações para a região de Ribeirão Preto-SP, pode ser observada a partir do final da primeira década do século XX, isto se deu, devido as crises no setor canavieiro, bem como pela substituição da mão-de-obra nos canaviais por máquinas agrícolas.

Desde a chegada das primeiras famílias migrantes, as relações sociais entre as famílias locais da cidade de Orlândia-SP se pautaram em uma série de disputas

simbólicas, seja no cotidiano, assim como nos ambientes de lazer, como é o caso dos clubes. O que se evidencia no processo de relação social entre estes dois grupos, foi a forte disputa pela diferenciação, onde o campo destas disputas, é marcado inicialmente pela construção de uma série de estereótipos, que pouco tempo depois tornaram-se marcas, estigmas.

Observa-se que esta relação de oposição destes grupos se dá inicialmente a partir da noção de antiguidade no local – pouco tempo depois esta noção foi fortalecida por uma forte noção de ancestralidade, construído a concepção de um “puro paulista”. A busca desta distinção por um lado une o grupo estabelecido, que se auto reconhece como uma classe superior, onde sua superioridade se dá, como supracitado, pela ideia da antiguidade, criando assim uma percepção de naturalidade no local. Em contraponto, o grupo recém-chegado, nordestinos vindos de diferentes regiões e estados do Nordeste brasileiro, são estigmatizados como um grupo “igual”, ou como popularmente difundido entre os moradores mais antigos, um grupo de “piauis”. Este processo, nega a estes indivíduos sua identidade e os resume a um grupo homogêneo, detentor de uma série de características propostas como semelhantes (como é o caso do sotaque, dos gostos musicais e culinários, etc).

Como nosso ponto de partida para compreender as relações sociais entre nordestinos e paulistas, seja em seu cotidiano, bem como nas disputas na construção e representação dos espaços de lazer utilizaremos as análises do sociólogo contemporâneo Norbert Elias (2002) a partir de sua obra *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Utilizar o referencial teórico deste autor, em especial de seus conceitos de estigma e mecanismos de estigma, nos possibilita problematizarmos a relação e construção de “identidades” por cada um dos grupos, ou seja, iremos evidenciar a construção de certos discursos que visavam idealizar um “nós” (paulistas) e, contraponto a um “eles” (nordestinos).

Outrossim, nos utilizarmos de dois conceitos do historiador francês Michel de Certeau, presentes em sua obra *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer* (1994), estes são estratégia e tática, que também nos auxiliaram em compreender a dinâmica das relações entre estes grupos, em especial no que toca as reações destes no contexto do clube Forrólândia. Desta forma, por estratégia, entendemos como discursos que “são organizada sobre (e por meio) as relações de poder” (VASCONCELOS & SOUTO, 2014, s/p.), ou seja, tais discursos, criados e legitimados por um grupo, usados como forma de dominação a outro (paulista>nordestinos).

Já o conceito de tática, segundo a perspectivas de Certeau (1994), estas correspondem as formas com que indivíduos ou grupos, que encontram-se sobre o julgo da dominação, encontram-se para transgredir as estratégias, na busca de construir ou legitimar um espaço. Como exemplo destacamos as táticas dos grupos migrantes em incorporar ou criar espaços de socialização, como, por exemplo, os clubes de festas de forró.

Para a realização do presente texto realizamos entrevistas com famílias

nordestinas e paulistas na cidade de Orândia. Ao todo foram entrevistados 12 famílias, onde cada uma destas tivemos duas gerações de entrevistados, tendo a primeira geração uma faixa etária de 45 a 70 anos, e a segunda 21 a 30 anos. Entre as entrevistas para a pesquisa, foram escolhidas 7 famílias nordestinas (1 da Bahia, 2 do Piauí, 1 de Alagoas e 2 de Pernambuco, 1 de Sergipe), as demais entrevistas (5) foram realizadas com famílias naturais da cidade paulista (2 famílias da periferia, 2 famílias de bairros intermediários e uma família de um bairro central da cidade), somando um total de 24 entrevistados (as). Ao transcrevermos para o presente trabalho fragmentos das entrevistas realizadas ao longo do período de junho e dezembro de 2017 optaremos por utilizar apenas as iniciais dos entrevistados (as).

Como o leitor observará dedicaremos ao longo deste trabalho, uma certa atenção a um espaço de sociabilidade, o clube Forrândia, este espaço fundado em meados dos anos 2000, se manteve ativo no município em questão até o final da primeira década do século XXI (2010). Inicialmente fundado pelo grupo nordestino, este, nas palavras de alguns entrevistados servia como forma de “reviver as raízes”. Em um primeiro momento este local foi estigmatizado pelo grupo de paulistas, o propondo como um lugar: violento, sujo, em resumo “um lugar de ‘píauis’, não nosso [paulistas]” (J. C. G., funcionário público, 2017). Todavia, com o passar dos anos, este espaço passou a ser frequentado por inúmeros paulistas, o que gerou, segundo alguns entrevistados, um desconforto, pois aquele espaço, na visão deles, não era destinado ao grupo de paulistas. Desta forma, este espaço passou a ser disputado entre nordestinos e paulistas até o seu fechamento em meados de 2010.

O presente trabalho, visa analisar alguns aspectos deste espaço, seja no que toca uma primeira fase do clube, onde destacamos o nascimento e a difusão de seu estigma, assim como buscaremos salientar a mudança de um espaço estigmatizado para um espaço em constante disputa. Este texto, pode ser tomado como um desdobramento do artigo “Não vejo eles como diferentes, só não vejo aqui como o lugar deles”: Análise do poder simbólico presente nas relações sociais entre estabelecidos e outsiders em Orândia – São Paulo, publicado no periódico Cidades, Comunidades e Territórios (Portugal) (PEREIRA & LOURENÇO, 2018). Neste trabalho houve um estudo exploratório amplo sobre alguns dos principais aspectos do processo de estigmatização dos migrantes nordestinos na cidade de Orândia-SP, entre as discussões presentes neste trabalho, foi deixado em aberto questões como as disputas de alguns espaços de sociabilidade no contexto orlandino. Desta forma, partiremos desta “ponta solta” para tecermos algumas análises sobre o clube Forrândia, espaço de lazer que ao longo de uma década passou de “proibido” para paulistas a um local de disputa entre nordestinos e moradores locais.

### **Forrândia: de espaço estigmatizado e ambiente de disputa**

O clube a qual nos propomos analisar, o Forrândia, fundado no início do século

XXI por um grupo de nordestinos, esteve localizado no Bairro Jardim Boa Vista. Este espaço recreativo não cobrava uma entrada (ingresso), para a participação dos shows e festas, muito menos era um espaço de associados, a sua estrutura funcionava da seguinte maneira: “ocorriam vários shows ao longo dos finais de semana, onde não era cobrado entrada, os frequentadores só pagavam o que consumiam no bar local (dentro do clube)”. (M.F., doméstica, 2017)

Este local, como aponta seus frequentadores, realizava shows inicialmente com grupos que vinham da região Nordeste brasileira, mas aos poucos estes shows passaram a ser feitos por grupos locais, ou seja, de nordestinos que moravam na cidade de Orlândia.

Inicialmente, este espaço eram frequentados apenas pelo grupo de migrantes, segundo M. F. S., jovem pernambucano, de 24 anos, os bailes de forró eram “uma forma de viver nossas raízes”, esta perspectiva é dividida por outros migrantes, como é o caso da senhora A. C., de 45 anos, que observa os bailes de forró como um local que a fazia “se sentir em casa”.

Todavia, esta visão sobre os bailes de forró pode dar uma falsa impressão de um gosto musical dividido e amado por todos os nordestinos. Nota-se, que em pesquisas anteriores (PEREIRA; LOURENÇO, 2018), que o forró é proposto como algo exclusivo ao grupo nordestino, em especial este aspecto pode ser observado como uma imposição colocada sobre este grupo pelos moradores locais (paulistas). Entre outros aspectos impostos, que criaram uma imagem do grupo migrante, podemos citar: o modo de falar (sotaque), a visão destes apenas como aventureiros (que ficam na cidade de Orlândia apenas para trabalhar nas safras da palha e da cana) e por fim indivíduos que possuem habilidades voltadas apenas para trabalhos braçais (como: o corte da cana, a construção civil e o trabalho na palha). Estes aspectos criaram e legitimaram uma imagem do grupo migrante, que pode ser resumida em uma expressão, o “píaiuí”. De tal modo o ser “píaiuí”, representa uma carga simbólica acerca deste grupo, que vai além de homogeneizá-los como um grupo oriundo do estado do Piauí.

Sobre o ponto citado no início do parágrafo anterior, que toca a falsa impressão sobre o gosto musical, D. A., baiano de 52 anos, ao ser perguntado sobre os lugares de sociabilidade que ele, e sua família, frequentavam, responde que:

Sabe, como eu já disse a gente nem é de frequentar muito baile não, não gosto muito de forró, nunca gostei, mas é que todos acham só por que a gente é nordestino a gente tem que gostar, têm amigo meu que até brinca quando falo que prefiro sertanejo, eles dão risada e falam que isso não é coisa da gente não, mas é que nem a história que baiano ama água de coco, meu deus do céu eu odeio isso, nunca gostei, mas o povo acha que todo mundo é igual, não existe isso não, os nordestinos são diferente, lá têm uma pancada de estado, e também dentro desses lugares tem uma porrada de cidade, mas o povo não vê isso, e as vezes até pra não discutir ou arrumar briga a gente parece que aceita perde um pouco do que a gente é, a gente se aceita só como nordestino. (D. A., operário industrial, 2017)

Esta citação resume as discussões propostas sobre esta visão do que representa o “ser nordestino” a partir da visão estigmatizada do gosto musical. Deste modo, compreender que todo nordestino possuía este gosto musical é errôneo e legitima uma marca social.

Neste sentido, a imposição do gosto musical ao grupo nordestino pode ser observado também como um aspecto que integra as estratégias do grupo dominante, supracitado neste texto. Em especial esta imposição pode ser observado como a busca do grupo local (paulistas) em se manter coeso e evitar que seus membros frequentassem estes espaços de sociabilidade, isto se deu de duas formas, sendo a primeira alegando que o local (bailes de forró) não eram para paulistas, e segundo pela difamação destes espaços como violentos.

Sobre os pontos citados acima, o senhor J. C., de 52 anos, ao falar sobre os bailes ocorridos no Forrólândia, observa que:

Nunca fui de ir muito nos bailes de forró [...] primeiro por que não é uma coisa pra gente daqui, é um lugar deles e segundo por que o local é violento, tem muita gente que vai lá só pra causar encrenca, e não adianta de nada ter segurança lá, por que quem fazia a segurança eram eles mesmos então do que adianta, por exemplo se for uns de nós lá no lugar deles se acha que se der briga os segurança iam bater em quem nos deles ou nos paulistas, então preferia ficar na minha, tomar minha cerveja no bar de frente de casa mesmo. (J. C. funcionário público, 2017)

Estas mesmas observações também aparecem na fala da A. B., 27 anos, sobre o mesmo espaço:

São lugares legais, de uns tempos para cá muitos paulistas começaram a frequentar, mas as vezes a gente sente que uns deles não gostam de ver paulistas lá, parece que o local não é pra gente, mas na verdade é isso né o forró é algo deles, foi feito por eles e é pra eles, mas a gente quer conhecer também. Mas é um lugar que você não deve ficar até o final, por que sempre saem umas brigas bem fofas lá, tipo de um pegar faca pro outro, a segurança lá é bem fraca, é feita por eles mesmos, ai nunca funciona bem e sempre tem que chamar a PM. Acho que é isso que faz muito paulista não frequentar o local, a violência entre eles, uma coisa que não dá pra entender né, eles são um grupo vindo de fora, e aquele é um dos poucos lugares que podem se divertir, e em vez disso eles vivem brigando (risos), a gente sabe que a vida deles aqui não é fácil, o trabalho na cana é bem difícil. (A. B., radialista, 2017)

Ambas as citações reafirmam uma representação dos bailes de forró como espaços destinados ao público nordestino. Mas ambas as narrativas destes moradores locais, também permeiam o discurso destes espaços de sociabilidade como violentos.

Uma das entrevistas realizadas, com uma moradora local, a narrativa acerca dos bailes “como locais violentos”, também pode ser visto outro aspecto das estratégias do grupo dominante, na busca pela coesão e pela estigmatização dos bailes de forró, este aspecto é a difamação através das fofocas (informais como é o caso de “os outros dizem por aí”, ou institucionais através de veículos de imprensa, como rádio e jornais impressos), segundo a senhora M. A., de 60 anos, ao falar sobre a migração

nordestina na cidade, observa que:

De uns tempos para cá começou a vir muita gente do nordeste, eles começaram a fazer até uns locais só pra eles frequentarem aqui na cidade, tipo estes bailes de forró sabe, eu nunca fui, tinha até vontade de ir para conhecer mas só que lá são um lugar perigoso, a gente sempre escuta no radio na hora do almoço que deu briga lá um arrancou a peixeira pro outro a já viu né, então sou mais de tomar minha cervejinha com meu velho [marido] aqui em cada mesmo. (M. A., aposentada, 2017)

Esta visão dos bailes de forró como locais destinados apenas para o grupo migrante, ou de locais violentos, tendeu aos poucos a perder sua força (chegando possivelmente a desaparecer), devido a participação de novos indivíduos (paulistas) neste ambiente (outro ponto, que talvez deva ser levado em consideração, é o enfraquecimento da participação nos bailes de forró por parte das novas gerações. Muitos dos jovens migrantes entrevistados, não possuíam interesse nestes espaços, dando preferência a outros como clubes, boates, e a chamada “rua 1” (principal ponto de encontro da maioria de jovens entre 14 e 20 anos na época e nos dias atuais). Em especial com a participação de moradores locais neste espaço, podemos observar uma mudança na visão destes, de espaços estigmatizados pelo grupo paulista, passaram a ser disputado entre os grupos (migrantes e moradores locais).

Esta disputa é reforçada na fala de alguns migrantes, em especial, quando justificam que estes espaços não pertenciam ao grupo paulista. Na fala da migrante M. F. (doméstica, 2017), de 50 anos, ao falar sobre os bailes de forró identifica que os bailes: “não estão igual como antes, têm bastante gente diferente [paulistas], parece que perdeu um pouco do que era”, para a moradora, estes espaços representavam até então o “reviver as raízes”.

Já a alagoana L. M., de 52 anos, ao falar sobre os bailes de forró e a entrada de novos indivíduos nestes espaços, observa que:

É engraçado isso não é? Antes você via nos bailes de forró só o pessoal do nordeste, hoje em dia forró é uma coisa que têm até nos clubes do centro, mas é claro que o forró lá no centro é diferente do nosso, é pra outro tipo de gente né (risos). (L.M. palheira, 2017)

A visão destas migrantes, seja da “invasão” do espaço por parte dos paulistas, ou da “popularização” do forró, evidenciam pontos importantes para este trabalho, em especial no que toca as questões de um disputa simbólica por estes locais de sociabilidade. Se no início estes espaços foram estigmatizados como violentos, lugar de “piauí”, aos poucos está visão perdeu sua força. Um ponto interessante que pode ser analisado nesta mudança de significação (de estigmatizado a disputado), pode ser observado na fala do morador local L. I., de 51 anos, que faz a seguinte observação sobre os espaços:



A gente sempre fica sabendo das festas que eles organizam no Centro de Lazer Edgar Benini e no Forró alguma coisa, ali meio que já virou um local deles, sempre têm festas de forró, mas pelo que falam se tornou um lugar até pior como era antes. É que antes esse lugar era voltado para o pessoal das favelas [...] com a chegada dos nordestinos eles [moradores dos bairros periféricos] perderam esse lugar, ou frequentam com eles, [mas] isso eu não sei te dizer bem por que nunca fiz questão de ir em um lugar assim, nem eu nem minha família. (L. I., empresário, 2017)

Este entrevistado, evidencia uma questão interessante a ser problematizada neste texto, as festas, em especial aquelas realizadas fora do Forrólândia, como é caso dos shows realizados no clube recreativo Edgar Bennini (CREB), segundo a fala do entrevistado, e de outros moradores, passaram a possuir um público exclusivo, o grupo nordestino, com a realização dos bailes e shows de forró, desta forma, em um primeiro momento, com a busca de se criar uma coesão, por parte do grupo de moradores locais, estes deixam de frequentar estes espaços.

Todavia, uma nova questão pode ser observada na complexa relação entre nordestinos e paulistas no município de Orlandia, a disputa pelos espaços de sociabilidade. Se por um lado deixar de ir em locais frequentados apenas por nordestinos era uma forma de manter a coesão grupal e reforçar um mecanismo de estigmatização por parte do grupo paulista, por outro o “deixar de frequentar” concretizava a perda de um espaço que até então pertencia ao grupo local.

Neste sentido, a disputa pelo espaço, seja no Forrólândia, bem como por outros locais, como é caso do CREB, pode ser observado como uma ação de disputa por espaços entre os grupos, e não algo que envolve diretamente um “novo gosto musical” adquirido pelo grupo local, como algumas vezes é proposto em algumas entrevistas. Os espaços citados aqui, Forrólândia e CREB, estão localizados em uma zona periférica do município, e a disputa por estes locais, podem ser vistas ainda como uma ampliação da complexidade das relações entre o grupo local (paulistas) e o grupo recém-chegado (nordestinos).

Nota-se, que no estudo exploratório, realizado por Pereira & Lourenço (2018), em suas considerações finais, apontam que:

[...] estes grupos, estavam em constante disputa, de um lado tendo os estabelecidos paulistas propondo e legitimando os estigmas aos nordestinos; do outro, algumas famílias migrantes se posicionavam na disputa de seu espaço simbólico e físico (ex: bailes de forró), buscando pôr fim aos discursos construídos desde sua chegada. (PEREIRA; LOURENÇO, 2018, p. 66)

A presença dos paulistas nestes espaços de sociabilidade construídos por nordestinos, pode ser observado como uma forma de “reaver” locais, que até então eram de convívio social do grupo local.

Para fecharmos este tópico, deixamos um questionamento proposto por uma de nossas entrevistadas, que ao abordar a participação de paulistas nos bailes de forró e também sobre o desaparecimento dos bailes na cidade, L. M., de 29 anos, afirma

que:

[...] eu vejo que o forró perdeu um pouco do que era, talvez seja até por isso que ninguém mais organize as festas, o Forrólândia fechou faz anos [2010], e o no centro de lazer [CREB], nunca mais soube de algum baile, não é só por que os jovens não querem participar é por que perdeu o sentido, eu acho. (L. M., palheira, 2017).

A argumentação da entrevistada, nos leva a um ponto que futuramente poderá ser melhor explorado, com a realização de novas entrevistas e uso de novas fontes, mas desde já deixamos em aberto estes pontos de sua fala, o primeiro: sobre o desaparecimento do forró pela pouca participação do jovens, que em boa parte das entrevistas realizadas, estes jovens, apontam que o principal espaço de socialização não são bailes de forró, diferente dos entrevistados de uma geração anterior. Já com relação ao segundo ponto de sua fala a “perda do sentido” do forró, isto pode ser interpretado como a perda do espaço de sociabilidade (os paulista teriam se tornado a maioria?), mas também, podemos levantar a hipótese de que, a perda deste espaço pode estar ligado a perda de uma certa identidade que se criava naquele momento, ou seja, um “ser nordestino”, que talvez incorporasse tanto questões que ligavam a estigmas imposto a este grupo (piaui), como novas características criadas pelo próprio grupo de migrantes, visando assim construir uma certa coesão para o grupo nordestino.

Estas são hipóteses de estudo, que pretendemos aprofundar em uma pesquisa de caráter mais amplo. As questões, levantadas nesta parte final deste texto, são indagações que derivam de um processo histórico o qual a cidade de Orlandia passou desde as últimas décadas do século XX, e que possui suas marcas no cotidiano orlandino, seja no dia-a-dia, no contexto dos bairros e inclusive em ambientes de lazer e sociabilidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, se objetivamos em analisar parte dos aspectos da disputa simbólica entre migrantes e paulistas no município de Orlandia, em especial nos detivemos nossa análise a partir de um dos principais clubes de lazer do município, o Forrólândia, que se manteve ativo entre os anos 2000-2010.

Buscamos demonstrar que o espaço estudado, em um primeiro momento, foi estigmatizado pelo grupo paulista, por meio de uma série de fofocas depreciativas, que visavam evitar que moradores locais o frequentassem. Desta forma, o grupo dominante (paulistas) visava criar e manter, o que a teoria de Norbert Elias (2000) propõem como “coesão grupal”.

Todavia, como pudemos observar, a partir da análise de uma série de entrevistas de migrantes que frequentavam o clube em questão, nos anos finais da década de 2010, o público dos bailes de forró que até então era apenas de nordestinos, passou

a contar com um considerável número paulistas. Esta participação de paulistas pode ser observada como uma forma de disputa pelo espaço de sociabilidade.

Para analisarmos estas questões apresentadas ao longo do texto, seja do processo de estigmatização, como de disputa pelo espaço, este trabalho contou com a utilização de uma série de entrevistas realizadas no ano de 2017, de moradores/as naturais do município e de migrantes, que participavam (ou não) dos bailes de forró realizados no clube. Foi a partir de suas narrativas, que buscamos discutir como este espaço, o clube Forrólândia, passou de ambiente estigmatizado a local de intensa disputa entre os grupos.

Ao longo do capítulo, o leitor observará que alguns pontos foram deixados em aberto, em especial no que toca a relação do público nordestino com as festas de forró e o enfraquecimento deste espaço a partir do final da primeira década do século XXI. Levantamos algumas hipóteses visando problematizar estas questões. Todavia, para conseguirmos estudar tais hipóteses empiricamente, necessitamos de um estudo mais aprofundado, seja com a realização de novas entrevistas, como também o uso de um hall de novas fontes que possibilitem um estudo empírico com mais profundidade.

Neste sentido, o presente trabalho pode ser observado como um ensaio, que buscou aprofundar alguns pontos deixados em aberto por Pereira & Lourenço (2018) em seu estudo exploratório sobre o município paulista de Orândia. Por consequência, este capítulo avançou em alguns pontos, deixando um pouco mais nítida a complexidade das relações entre migrantes nordestinos e moradores locais (paulistas), seja em seus respectivos cotidianos, assim como em ambientes de lazer.

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

ELIAS, Norbert. **Estabelecidos e Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade pequena**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 2000.

PEREIRA, Bruno César; LOURENÇO, Alexandra. "Não vejo eles como diferentes, só não vejo aqui como o lugar deles": Análise do poder simbólico presente nas relações sociais entre estabelecidos e outsiders em Orândia-SP. **Cidades, Comunidades e Territórios (Portugal)**, v. 36, 2018, p. 56-67.

VASCONCELOS, Larissa Meira de; SOUTO, Emilayne. Notas para um debate entre Michel Foucault e Michel de Certeau. In: 1º Encontro Internacional de Estudos Foucaultianos: Governamentalidade e Segurança. João Pessoa-PB: **Anais 1ª EIEF**, 2014, s/p.

## ENTREVISTAS

- A. B. paulista de 27 anos, radialista. Entrevista realizada em junho/2017.
- A. C. piauiense de 45 anos, doméstica. Entrevista realizada em julho/2017.
- D. A. baiano de 52 anos, operário industrial. Entrevista realizada em junho/2017.

- J. C. paulista de 57 anos, funcionário público. Entrevista realizada em junho/2017.
- M. A. paulista de 65 anos, aposentada. Entrevista realizada em junho/2017.
- L. I. paulista de 51 anos, empresário. Entrevista realizada em julho/2017.
- L. M. alagoana de 52 anos, palheira. Entrevista realizada em julho/2017.
- L. M. alagoana de 29 anos palheira. Entrevista realizada em julho/2017.
- M. F. pernambucana de 57 anos, doméstica. Entrevista realizada em junho/2017.
- M. F. S. pernambucano de 23 anos, palheiro. Entrevista realizada em junho/2017.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Luciana Pavowski Franco Silvestre** - Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2003), pós-graduação em Administração Pública pela Faculdade Padre João Bagozzi (2008) é Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013), Doutora em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG. Assistente Social da Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social - Governo do Estado do Paraná, atualmente é chefe do Escritório Regional de Ponta Grossa da Secretaria de estado da Família e Desenvolvimento Social, membro da comissão regional de enfrentamento às violências contra crianças e adolescentes de Ponta Grossa. Atuando principalmente nos seguintes temas: criança e adolescente, medidas socioeducativas, serviços socioassistenciais, rede de proteção e política pública de assistência social.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abolicionismo 206, 209, 210, 211, 212, 215, 216, 217  
Accountability 172, 173, 174, 177, 178, 179, 185, 186, 259, 269  
Acumulação capitalista 80, 271, 272, 274, 276, 281  
Adolescentes 23, 27, 50, 54, 57, 139, 140, 210, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 307  
Agenda 2030 116, 117, 118, 119, 122, 124, 125, 127, 135, 136  
Alcoolismo 46, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57  
Análise de conteúdo 46, 116, 118, 120, 121, 123, 135, 136

### B

Bullying 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34

### C

Cidadania 63, 64, 108, 109, 111, 114, 115, 133, 137, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 200, 205, 227, 241, 245  
Cidadania digital 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 157  
City image 1, 2, 4, 5, 6, 8  
Competição 2, 16, 91, 99, 100, 174, 176, 256, 257, 259, 261  
Compra de votos 256, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 268  
Compromisso social 231  
Corrupção 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 265, 267, 268, 269  
Criminalidade 133, 206, 208, 212, 214, 216, 218, 226, 229, 278  
Criminologia 206, 207, 208, 214, 215, 216, 217, 218  
Crise 11, 16, 65, 74, 80, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 105, 107, 108, 110, 159, 160, 162, 163, 166, 168, 170, 202, 206, 209, 221, 238, 239, 253, 271, 272, 275, 276, 277, 279, 280, 281

### D

Democracia Contemporânea 172  
Desigualdade social 78, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 131, 185, 193, 200, 205, 277  
Dever do estado 146  
Direito à privacidade 151, 243, 244, 245, 246, 247, 251  
Direito constitucional 74, 113, 153, 158, 171, 245  
Direito dos refugiados 159, 164  
Direito fundamental 65, 146, 149, 150, 152, 157, 158, 191  
Direito internacional 12, 159, 170, 253  
Direitos 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 72, 73, 74, 75, 80, 91, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 107, 113, 129, 131, 133, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 199, 200, 202, 203, 204, 210, 211, 213, 215, 226, 227, 228, 229, 231, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 250, 251, 253, 254, 255, 278, 279

Direitos humanos 62, 74, 75, 105, 133, 147, 149, 150, 155, 157, 159, 160, 163, 164, 165, 167, 168, 170, 186, 191, 210, 211, 227, 243, 244, 245, 247, 250, 251, 253, 254

## **E**

Economia criativa 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9

Educação 6, 33, 63, 64, 67, 71, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 105, 106, 111, 112, 113, 116, 119, 122, 128, 129, 131, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 149, 151, 158, 166, 179, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 204, 210, 223, 227, 300

Eleições 80, 110, 161, 162, 175, 176, 177, 178, 185, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 267, 268

Emenda Constitucional 95/2016 7, 90

Empírica 269, 282, 287, 288, 289

Encarceramento feminino 218, 224, 228

Enchentes sazonais 58, 59, 60, 61, 73

Ensino médio 22, 28, 29, 33, 51, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 129, 144

Equiparação salarial 187, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203

Estratégia pública 116, 118, 119, 120, 123, 125, 135

Estudante 22, 31, 89

Estudo de caso 8, 46, 51, 120, 291

Exclusão social 102, 202

## **F**

Família 25, 27, 38, 39, 42, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 108, 111, 112, 114, 140, 141, 142, 167, 210, 213, 220, 221, 223, 225, 236, 239, 292, 298, 304, 307

Flexibilização do direito do trabalho 187

Forró 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44

## **G**

Garantias fundamentais 58, 66, 152, 254

## **H**

História 6, 10, 24, 33, 39, 52, 106, 107, 117, 137, 138, 139, 144, 145, 164, 168, 171, 212, 219, 229, 232, 236, 242, 276, 283, 284, 287, 290, 291, 292, 295

## **I**

Indicadores fiscais 90, 95, 98, 99

Interação cérebro-máquina 243, 244, 249, 250, 253

Internet 23, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 167, 173, 180, 250, 252, 254

## **M**

Método 102, 116, 118, 120, 121, 164, 170, 174, 175, 180, 188, 204, 282, 285, 287, 288, 289

Minimalismo 206, 209, 210, 212, 215, 216, 217

Mulher delinquente 218, 220, 221, 228

## **N**

Neurociência 243, 250, 251, 253, 255

Neurotecnologia 243, 244, 250, 251, 252

Nordestinos 35, 37, 38, 39, 42, 43, 44

## **O**

Objetivos de desenvolvimento sustentável 116, 117, 118, 119

## **P**

Padrão de beleza 25, 33

Paulistas 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44

Percepções 46, 50, 56, 282, 286

Pesquisa 2, 3, 6, 11, 19, 21, 22, 23, 28, 29, 30, 32, 33, 38, 43, 46, 51, 53, 55, 57, 59, 60, 72, 76, 85, 86, 102, 106, 108, 115, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 132, 135, 146, 148, 153, 154, 158, 170, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 184, 185, 187, 202, 203, 206, 233, 243, 245, 256, 258, 262, 263, 267, 268, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304

Pobreza 25, 72, 100, 102, 104, 105, 107, 108, 109, 112, 113, 115, 117, 118, 119, 127, 134, 135, 149, 161, 200, 205, 271, 277, 280, 281

Poliarquia 172, 174, 175, 185, 257, 258, 268

Política 2, 3, 7, 9, 10, 12, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 66, 67, 68, 72, 73, 74, 76, 78, 80, 82, 87, 88, 89, 97, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 127, 132, 136, 137, 139, 144, 145, 148, 149, 159, 161, 163, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 177, 185, 186, 199, 211, 217, 218, 219, 220, 226, 227, 229, 232, 253, 257, 259, 268, 269, 280, 281, 283, 291, 292, 304, 306, 307

Política criminal 218, 219, 226

Políticas públicas 2, 3, 58, 59, 60, 65, 66, 68, 72, 73, 75, 78, 80, 81, 87, 91, 94, 95, 98, 99, 100, 102, 104, 105, 108, 109, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 128, 130, 135, 144, 146, 157, 162, 163, 173, 177, 179, 214, 240, 293, 305

Presídio feminino 218

Princípio da igualdade 64, 75, 198, 199, 201

Proteção social 76, 78, 87, 89, 94, 95, 168

Psicologia jurídica 231

## **R**

Redução da maioridade penal 231, 237, 240

Reestruturação produtiva 270, 272, 275, 277, 279, 280

Reforma do ensino médio 76, 77, 78, 79, 81, 83, 84, 86, 87, 89

Rio criativo 6

Rio de Janeiro 1, 4, 89



## S

Sistema Único de Saúde 90

Sociabilidades 35

Superpopulação relativa 5, 9, 270, 271, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281

## T

Teoria 33, 34, 43, 64, 74, 75, 76, 89, 95, 105, 138, 141, 144, 174, 186, 210, 211, 215, 216, 221, 229, 241, 257, 277, 282, 283, 284, 285, 287, 288

Terceirização 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205

Transparência 133, 135, 172, 173, 174, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186

Turismo 1, 6, 7, 8, 10, 14, 18, 130

## V

Venezuela 159, 160, 161, 162, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171

Violência 27, 28, 34, 35, 40, 54, 55, 129, 133, 210, 212, 220, 233, 234, 235, 237, 240, 241, 247, 254

Vivências 46, 286

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-801-4



9 788572 478014